

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: A TardeClass.: 465Data: 03.11.92

Pg.: \_\_\_\_\_

**Índios são vítimas da cólera no sul da Bahia**

**Itabuna (Da Sucursal Sul da Bahia)** — O avanço da cólera no sul da Bahia, em consequência da falta de saneamento básico e de água tratada para a maior parte da população, está fazendo mais vítimas entre os índios. Cinco dos seis mortos pela doença, em outubro, eram índios pataxós há-hã-hães que vivem nas aldeias Catarina-Paraguaçu-Caramuru, situadas respectivamente nos municípios de Camacã, Pau Brasil e Itaju do Colônia. Segundo o cacique Wilson Pataxó, as três aldeias estão abandonadas pela Funai. Nos 36 mil hectares de área indígena os quase dois mil pataxós vivem mal, sem infra-estrutura e em terras pouco produtivas, por falta de apoio técnico e financeiro.

Nos 1.070 hectares da aldeia de Pau Brasil, com quase 1,5 mil índios, os problemas surgiram há um mês, resultando na morte de quatro pataxós. Até o fim de outubro, outros 43 ficaram doentes, sendo internados nos hospitais de Camacã, Itabuna e no posto de saúde de Pau Brasil. Funcionários do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) acreditam que os índios se contaminaram na cidade de Pau Brasil, onde o Rio Água Preta é o grande penigo. Na cidade, eles vendiam sua produção de verduras, suspensa depois que a cólera atingiu a aldeia, distante do centro de Pau Brasil seis quilômetros.

Segundo Antônio Eduardo Cerqueira de Oliveira, do Cimi, a maior fonte de contágio na aldeia de Pau Brasil são as lagoas, de águas empossadas e salobras, que abastecem os índios e também porcos, cavalos e outros animais, todos misturados numa grande imundície. As lagoas também são focos de hepatite, tifo e outras doenças. Na aldeia, ex-Fazenda São Lucas, das 122 casas, somente duas têm banheiros, que estão entupidos.

Ainda segundo o missionário, apesar das promessas feitas no auge do surto da doença, há 15 dias, a 7ª Diretoria Regional de Saúde, de Itabuna, ainda não implantou o Centro de Tratamento da Cólera na aldeia, por falta de recursos. Uma equipe de médicos e enfermeiros que visitou

o local deixou apenas uma maca e 50 litros de água mineral, para os doentes. No último dia 28, dois técnicos da Fundação Nacional de Saúde, de Brasília, estiveram na aldeia e prometeram começar a reforma da sala da casa-sede no próximo dia 3, para instalar o Centro de Tratamento de Cólera, bem como a construção de caixas coletoras de água.

**RIO CONTAMINA**

Na última semana de outubro, a cólera chegou a Aldeia Barretá, no município de Itaju do Colônia, matando duas pessoas, dentre elas a índia histórica da aldeia, Barretá Pataxó, de mais de 110 anos. O bispo diocesano de Itabuna, dom Paulo Lopes de Faria, rezou uma missa na aldeia, onde houve, também, uma manifestação dos pataxós, para reverenciar a memória da índia morta, uma das últimas representantes legítimas do povo pataxó há-hã-hã.

A aldeia barretá tem cerca de 26 hectares, com 100 índios, alguns já contaminados pela cólera, entre os 40 doentes registrados no hospital da cidade, na última semana. A barretá já foi invadida pela população de Itaju do Colônia, onde surgiu o bairro Parque dos Rios, hoje o maior foco da doença. O parquinho, como é conhecido o bairro-favela, não tem nenhuma infra-estrutura. Os dejetos dos moradores do bairro vão todos para o Rio Colônia, que também recebe os esgotos de toda a cidade. Em suas águas contaminadas os índios se abastecem e sobrevivem da pesca.

O penigo da cólera também ronda a aldeia panelão através do rio do mesmo nome, que já estaria contaminado, segundo autoridades sanitárias de Camacã. Na panelão, situada a seis quilômetros do distrito de Jacareci e a 15 quilômetros de Camacã, vivem cerca de 100 índios, distribuídos entre 15 a 20 famílias. Apesar da suspeita de que o vibrião colérico está presente nas águas do Rio Panelão, os funcionários do Cimi ainda não têm nenhum registro de casos de cólera na aldeia.